

MIAU
CLARA CANTA
PARA AS ESTRELAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
CENTRO DE ARTES - CEART
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

BÁRBARA TRELHA OLIVEIRA

“MIAU: CLARA CANTA PARA AS ESTRELAS”:
PROPOSTA PEDAGÓGICA SOBRE O CANTAR

FLORIANÓPOLIS, SC
2018

BÁRBARA TRELHA OLIVEIRA

**“MIAU: CLARA CANTA PARA AS ESTRELAS”:
PROPOSTA PEDAGÓGICA SOBRE O CANTAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito para obtenção do Título de Mestre, na linha de pesquisa Processos de Ensino, aprendizagem e criação em Artes.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a. Teresa Mateiro

**FLORIANÓPOLIS, SC
2018**

APRESENTAÇÃO

O programa de Pós-Graduação Profissional em Artes (stricto sensu), existe desde 2014, é coordenado pela Universidade do Estado de Santa Catarina: “tem como objetivo proporcionar a formação continuada a docentes de Artes da educação básica pública, propondo discussões sobre o papel do ensino da arte na escola e na comunidade.” O professor que cursa o programa, permanece em atividade docente na educação básica pública objetivando a relação dialógica entre a prática docente e a sua pesquisa.

A partir de observações como educadora, iniciei uma investigação e apresento este trabalho. Em 2014 comecei a dar aulas curriculares de música em escolas da rede básica de ensino de Florianópolis. Percebi a importância de adaptar os planejamentos de música às poucas condições estruturais da unidade escolar, como a falta de espaço adequado e instrumentos musicais. Desenvolvi atividades interdisciplinares entre música e literatura utilizando a obra Felpo Filva da escritora Eva Furnari que aborda, no livro, a canção como um gênero textual.

A pesquisa que escolhi desenvolver ao ingressar no Prof-Artes, tem como objetivo de criar um livro infantil com uma temática permeada por questões musicais, tendo o cantar como foco. Parte de uma narrativa infantil que trás elementos da linguagem musical, instigando o professor de música a trabalhar atividades criativo-musicais por meio da leitura compartilhada. O trabalho desenvolvido inclui: (a) uma proposta pedagógica; (b) o livro “Miau: Clara Canta para as Estrelas”, com uma versão em áudio e a canção tema autoral do livro; (c) um artigo científico sobre a criação do livro com reflexões sobre as temáticas relacionadas à literatura, infância, educação musical e outros. Conforme a resolução do Prof-Artes, o trabalho é uma proposta pedagógica que foi desenvolvida a partir do livro criado.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Partitura 1	16
Figura 2 - Partitura 2	16
Figura 3 – Partitura 3.....	17
Figura 4 – Partitura 4.....	17
Figura 4 - Desenhos de alunos.....	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A HISTÓRIA DE CLARA:	7
2 O APARECIMENTO DO GATO:.....	10
3 CLARA VAI À ESCOLA:	12
4 ELEMENTOS SECUNDÁRIOS:	14
5 CLARA COMPÕE PARA SEU GATO:	15
6 DESFECHO DA HISTÓRIA	18
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS.....	22

CRIAÇÃO DE UM LIVRO INFANTIL:

Uma proposta sobre o cantar

Bárbara Trelha Oliveira

RESUMO

O trabalho descreve o processo de criação do livro infantil “Miau: Clara Canta para as Estrelas”, que foi idealizado com o propósito de auxiliar o professor de música em atividades curriculares com alunos de terceiro e quarto anos do ensino fundamental. A escrita envolveu pesquisa bibliográfica na área de educação, literatura, filosofia, sociologia e música. O objetivo do artigo é descrever a criação da obra levantando discussão sobre alguns aspectos da educação musical e descrever como se deu a interferência de alguns alunos no processo de criação do livro. O artigo foi dividido em tópicos conforme o esquema narrativo criado para a história e, a partir desse esquema, trago alguns apontamentos teóricos que respaldaram a confecção do livro. A intenção desse trabalho é fazer o educador musical refletir sobre a importância da leitura compartilhada como uma ferramenta na aula curricular de música.

Palavras chaves: Criação literária, ensino curricular de música, cantar, leitura compartilhada.

ABSTRACT

Keywords:

INTRODUÇÃO

Esse artigo é a descrição da criação de um livro infantil desenvolvido junto a pesquisa em literatura e educação musical, com vistas a ser utilizado pelo educador musical em sala nas aulas curriculares de música para crianças do ciclo I do ensino fundamental. Esse artigo levanta discussões sobre a infância a partir de Árie e da sociologia da infância, sobre a escrita literária a partir de pressupostos de Bakthin, sobre a literatura contemporânea para crianças e algumas reflexões breves sobre educação musical do ponto de vista da sociologia da música. Essas discussões aparecem dentro de um esquema narrativo onde elenco momentos do livro explicando ao leitor algumas intenções didáticas, ideológicas e literárias. O livro desenvolvido pretende atrair o público infantil e instigá-lo sobre questões musicais,

criando empatia com as crianças e, ao mesmo tempo, trazendo a linguagem musical à tona.

A HISTÓRIA DE CLARA: a infância e a escrita literária

A apresentação dos elementos principais da narrativa se dá na primeira parte do livro: Clara é uma garota que gosta de cantar na janela para as estrelas e em determinado momento da sua vida, precisa cantar na mostra de trabalhos da escola. O problema central está no medo que a garota sente ao se imaginar cantando para muitas pessoas. A trama da história envolve outros personagens e o núcleo familiar e ambiente doméstico foi eleito para desenrolar a narrativa em torno de Clara. Ao final, a personagem supera seu conflito a partir da relação que estabelece com um gato que surge em sua janela.

Com intuito da criança se identificar rapidamente com os personagens, optei por uma garota e seu irmão, estabelecendo assim uma aproximação com os dois gêneros. João e Clara sempre sonharam em ter uma banda. João é um personagem que surge para compor um núcleo narrativo secundário na história, porém complementar.

Logo ao iniciar a criação do livro, percebi que minhas memórias e referências culturais estavam nitidamente influenciando minhas escolhas, muito embora outras pessoas, textos e livros pesquisados, possam também ter interferido no texto. Para essa pesquisa, foi necessário consultar algumas referências e autores relacionados à literatura infantil. Durante a escrita, notei que meu imaginário possuía influência das mídias de massa com as quais tive contato, como filmes norte-americanos e gibis. Contemplei o quanto minha identidade criadora seria, mesmo que sem querer, permeada das minhas referências pessoais que emergiam da cultura onde cresci. A narrativa partia do meu eu e, por mais inventiva que fosse, traria fatalmente dados auto-biográficos ou auto-referenciais. Segundo Gullestad (2005), o olhar da crítica literária sobre o eu construído nas narrativas para a infância é contraposto com o olhar das ciências sociais sobre esse mesmo eu.

A teoria social tem muito a contribuir para o campo da crítica literária. Os estudiosos de autobiografias, segundo Gullestad (2005), falam da natureza das “autobiografias como metáforas do eu, que essa natureza possui um projeto que se

preocupa com a construção artística de um eu pela escrita, um eu que pode ser visto como que no olho por olho". Nesse campo, a construção do eu ficcional é observada a partir da própria identidade como esclarece a autora:

As construções dos eus costumam ser a tal ponto culturalmente arraigadas que até o estudo de histórias de vida aparentemente atípicas de grandes escritores, de fato nos abrem a compreensão de convenções culturais comuns de como um modo de vida pode ser representado. (GULLESTAD, 2005 pág. 512)

Gellestad (2005), defende que não se trata de escolher autonomia ou socialidade, mas conseguir ver que aspectos de ambos aparecem na obra dentro de uma narrativa. A partir das reflexões que a autora propõe, penso que na minha narrativa, algumas escolhas como estilo da personagem principal, núcleo parental, local onde a narrativa acontece e outros, perpassam pelas minhas experiências tanto individuais quanto culturais, adentrando às vezes em minhas ideologias pessoais, mesmo que não explicitamente. O trabalho tem como propósito, utilizar uma família como pano de fundo para problematizar conteúdos subjetivos a respeito do cantar.

Ao escrever para crianças, precisei compreender alguns pontos sobre a criação literária e pesquisar sobre as relações que regem o mundo imaginário nas narrativas para crianças. O historiador francês Ariè aborda o "sentimento de infância" como um conceito importante para pensar infância. Descreve a escolarização como marco para o nascimento do período histórico onde a criança fica entre seus pares e não mais entre adultos. Com isso, o autor insere historicidade à construção desse "lugar" chamado infância, conferindo-lhe um status sócio estrutural. Segundo o Cauvilla (2015)

Aries capta dois sentimentos da infância. Um presente no século XVI (talvez já pudesse ser captado nos séculos XIV e XV) e que o autor identifica com a "paparicação" ("mignotage"). Este teria nascido no ambiente familiar, no trato com as crianças pequenas. O segundo, que é o sentimento "verdadeiro" da infância caracterizado pela consciência da especificidade desse momento da vida humana. (CAUVILLA, 2015 pág. 73)

A infância, a partir da obra de Ariè, começa ser observada a partir também da construção cultural, histórica e social das pessoas. Os trabalhos mais recentes, que versam sobre a infância na atualidade, contribuem para a ampliação dessa visão problematizada por Ariè. Sarmento (2002) pontua que

As ideias e representações sociais sobre as crianças, bem como suas condições de existência, estão a sofrer transformações significativas, em homologia com as mudanças que ocorrem na estruturação do espaço-tempo das vidas cotidianas, na estrutura familiar, na escola, na *mass média* e no espaço público" (SARMENTO, 2002 pág. 1)

Este trabalho trata a infância como um período da existência humana, cujas vivências e significados, ocupam uma função estruturante na formação global do indivíduo. O aspecto mais importante da Infância priorizado nessa criação literária foi a ludicidade. Este trabalho parte do pressuposto que o lúdico e o brincar estão diretamente relacionados ao universo infantil.

A imaginação como função *a priori* do pensamento é um dos conceitos tratados por Kierkegaard. Segundo Sampaio (2003) a imaginação é a função que gera no homem o pensamento subjetivo, é a origem das categorias e relata que é a partir dela, que se configuram as outras formas de pensamento. O autor em seu artigo Kierkegaard: A ambiguidade da imaginação, conceitua imaginação como "capacidade humana básica para que o homem persista na sua tarefa de tornar-se-si-mesmo".

Elegi para esse estudo a obra obra "A Estética da Criação verbal" (Bakhtin,2015). Nele são expostos alguns pressupostos importantes para entender a criação verbal. Para esse trabalho, falo apenas do que Bakhtin escreve sobre a relação autor -escritor- personagem, durante processo de escrita e criação literária. Ele descreve a relação estabelecida entre o autor-escritor e o personagem da escrita ficcional. Ressalta que a relação autor e personagem é uma dinâmica viva. Explica que o autor confere movimento ao personagem, aos acontecimentos do personagem durante a narrativa que faz com que ele (autor-escritor) tenha uma reação, assim como é na vida. Em seu livro descreve que, diferente do que acontece na vida, na obra literária, o que a ação do sujeito (personagem) desencadeia, é controlado pelo autor- escritor. Na vida, os acontecimentos são mais difusos e obedecem a ordens mais aleatórias pois a direção parcial aos acontecimentos é eleita como foco da relação. Fala que "a resposta do autor às manifestações isoladas da personagem se baseiam numa espécie de todo da personagem, cujas manifestações particulares são todas importantes [...]. Essa resposta total à personagem tem um caráter criador, produtivo e de princípio". Em seu texto O autor e a Personagem, destaca que na vida o objeto definido é apenas o que é capaz de proporcionar uma relação. Para Bakthin (2015), é essa relação que define o objeto e a sua estrutura. Sobre a

obra de arte, acredita que haja uma inversão: O que passa a reger boa parte da relação que consiste na criação é o todo do objeto, sua estrutura e forma. Numa narrativa ficcional há, segundo Bakhtin, uma relação dialógica entre o autor – escritor e o seu personagem, esclarecendo que:

"O autor nos conta essa história centrada em ideias apenas na obra de arte, não na confissão do autor - se esta existe-, não em suas declarações acerca do processo de sua criação; tudo isso deve ser visto com muita cautela pelas seguintes considerações: a resposta total, que cria o todo do objeto, realiza-se de forma ativa, mas não é vivida como algo determinado, sua *determinidade* reside justamente no produto que ela cria [...]" (2015, pág. 5).

A partir do conceito de Bakhtin sobre a relação autor e personagem, é possível contemplar de forma mais ampla o processo de criação de narrativas. As contribuições do autor reforçam que a linguagem possui uma esfera estética cujos procedimentos são mapeáveis, porém não controláveis o tempo todo.

2 O APARECIMENTO DO GATO: o objeto encantatório e a literatura infantil contemporânea

A solução do problema principal da personagem poderia acontecer de diversas formas. O medo de Clara, na história, veio à tona devido a apresentação que haveria na escola. A apresentação era algo indesejável para a garota. A escolha por esse conflito nasceu da observação de meus alunos na escola. Observei que, embora muitos sejam “cantantes” em ambientes não formais (em casa, recreio, intervalos), nas aulas de música se apresentam tímidos e/ou fechados.

Percebendo que os alunos possuíam uma facilidade para cantar entre si, decidi que a personagem Clara superaria seu medo com ajuda de um gato imaginário, no recreio da escola, utilizando brincadeiras cantadas. No decorrer da escrita, essa escolha precisou ser remodelada para que a narrativa ficasse mais fluída dando maior unidade estética ao livro. Para não estender muito a história, centralizei a narrativa na Clara e nem seu gato. O objetivo era que, a partir dessa relação, Clara conseguisse superar o medo de cantar na apresentação da escola, brincando com universos de realidade e fantasia. Sobre o real e o mundo fantasioso da criança, Sarmento (2002 p16) explica que nas culturas infantis, o processo de imaginação do real é a base da inteligibilidade da criança, e que transpor pessoas,

objetos ou acontecimentos não literais, é fundamental na constituição do mundo infantil. O faz de conta aos poucos oportuniza que a criança transite no jogo da vida em condições aceitáveis, exemplifica o fato da criança se apropriar da narrativa para incorporar a ela sua própria experiência e diz que;

A Transposição imaginária é um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem face a situações mais dolorosas ou ignominiosas da existência. (...) a boneca com que se brinca no meio a desolação e do caos provocado pela guerra, (...), a narrativa imaginosa com que se explica um insucesso, (...) integram esse modo narrativo de estruturação não literal das condições de existência. (SARMENTO, 2002 pág. 16)

Contando com a possibilidade de simbolização que a criança confere aos elementos narrativos, lancei mão do objeto encantatório descrito por Vladimir Propp em seus estudos sobre a morfologia do conto maravilhoso.¹ Os elementos mapeados por Vladimir Propp, até hoje, são utilizados como referência nos estudos sobre as narrativas ficcionais. Ele sistematizou a morfologia dos contos maravilhosos a partir dos tópicos: Histórico problema, método e material, funções dos personagens, assimilação, casos da dupla significação, morfologia da mesma função, distribuição das funções entre os personagens, meios de inclusão de novos personagens no decorrer da ação, sobre os atributos e significação e o conto como totalidade. A narrativa que criei não se estruturou a partir das questões descritas por Propp, mas pode-se identificar no livro, a presença do objeto encantatório (gato) descrito pelo autor em suas análises.

Em contraposição a esses estudos mais clássicos, as recentes pesquisas sobre literatura contemporânea, denotam que as narrativas não estão mais fechadas em estruturas. Oportunizam pensar a narrativa contemporânea pela marca da hibridação, opondo-se, às anteriores perspectivas. Na contemporaneidade, segundo Scholes e Kellogg (1977, p. 47) “toda época e cultura têm suas formas narrativas”. Há, segundo esses estudos, um dado original na narrativa contemporânea que é justamente a ausência de um formato que se evidencie ou se destaque sobre outro, por conta da reconfiguração de lugares e formatos narrativos até então canôninos.

1 Após estudar de forma etnográfica a gênese do conto folclórico, Vladimir I. Propp se tornou uma referência importante visto que “conseguiu desvendar muitos mistérios existentes no folclore de todos os povos. Graças aos trabalhos de V. I. Propp, o princípio do 'etnografismo' tornou-se a pedra angular da metodologia moderna das pesquisas histórico-genéticas do folclore” . (TEXTO INTRODUÇÃO DO LIVRO DE PROPP por BORIS SCHNAIDERMAN , 2001)

Acredito que a escrita da narrativa de “Miau: Clara canta para as Estrelas”, configura uma narrativa contemporânea, visto que as escolhas foram acontecendo de forma inter-relacional, com maior ênfase às contribuições coletivas de um método ou uma estrutura. Para essa narrativa se constituir, muitas pessoas puderam interferir na criação, inclusive crianças.

3 CLARA VAI À ESCOLA: reflexões sobre educação musical

Clara vai à escola e sua professora convida os alunos a apresentarem-se sozinhos. Esse convite estimula Clara. O interesse da garota é despertado pelo gato que na página 18 fala para a garota: *“Ei! Lembra que você me contou que quando era pequena tinha um plano de montar uma banda de rock com seu irmão? Quem sabe o momento é esse? Você aproveita e ensaia com o João uma música para a apresentação da escola.”*

Durante o processo de criação do livro, continuei ministrando aulas curriculares de música em uma escola básica da prefeitura de Florianópolis. Desenvolvi algumas atividades de canto com uma turma de alunos. Decidi inserir a canção, tema do livro, nas aulas de música para uma das turmas de sexto ano. Um dos objetivos do meu planejamento com essa turma era realizar uma saída de estudo: Visitar um estúdio de gravação. Surgiu a ideia de gravar a música tema do livro, com os alunos e uma aluna me procurou para mostrar que tinha ensaiado em casa, a parte solo da música. Estimulei a aluna a superar a timidez ao cantar sozinha e convidei ela cantar durante as aulas não só essa canção mas outras de seu repertório musical.

A presença da educação musical na escola é assunto de muitos estudos. Fomentar as atividades musicais com crianças do ensino fundamental, obriga o educador a prestar atenção nos aspectos sociais e culturais que permeiam tanto a criança como a comunidade na qual ela está inserida. Jusamara Souza (2014) fala que "entender a música como prática social significa compreender que as exigências técnico-musicais estão ligadas às práticas de sociabilidade nos grupos, na família, na escola, na igreja e na comunidade." Sobre isso, as experiências em sala de aula, tanto refletem uma realidade social como propiciam uma re-significação da experiência com a prática musical. Segundo a autora esse entendimento mais ampliado, sobre o significado social da música, "é útil para compreender as

diferentes práticas musicais dos diversos grupos de estudantes na escola ou em outros espaços."

Uma das formas de convidar o aluno a uma experiência nova com o cantar é a presença do canto como um conteúdos prático na aulas de música. O aluno é estimulado a uma nova experiência musical sem dispensar ou anular sua prática anterior. Valorizar seu repertório musical prévio é uma das maneiras de criar essa ambiência favorável. Jusamara Souza (2014) comenta que

a música fornece ferramentas que permitem aos cidadãos conhecer e se relacionar com as produções culturais e simbólicas do passado, e com aquelas produções do presente, através de sua recepção e produção (...), podemos ter uma compreensão mais aguda, mais sensível e mais larga dos fatos musicais. (Souza, 2014 pág. 104)

A leitura compartilhada que será abordada mais adiante nesse trabalho, é vista como uma forma de valorizar a alteridade e a pluralidade de repertórios dos sujeitos. Uma das demandas da educação musical curricular é a presença de materiais que se diferenciem do modelo didático onde o currículo escolar acaba restringindo o ensino e aprendizagem musical a uma forma-conteúdo. Souza (2004) observa esse fato e pontua que " a forma-conteúdo no processo de ensino-aprendizagem musical, não está ampliando as questões relevantes da vida dos alunos para além do espaço da escola" e continua dizendo que devemos "pensar no espaço real e desvendar as complexidades da música como um fato social". Já CARLOS (2009) comenta que

Os livros didáticos, por sua vez, são tomados como fontes privilegiadas para informar sobre a seleção curricular efetuada ao longo dos anos por constituírem-se (...) intermediários entre a prescrição oficial (legislativa) e os professores, funcionando como um currículo apresentado aos professores. (CARLOS, 2009 pág. 37)

As ideias e necessidades em torno dos materiais e recursos utilizados pelo professor bem como o a sua forma de abordar conteúdos, faz com que um material literário deva agregar conhecimentos em música, contribuindo para um espaço privilegiado nas aulas de música que visam olhar para a alteridade dos sujeitos. Carlos (2009), no contexto educacional descreve a leitura como:

(...) uma experiência íntima de alteridade, uma dialéctica entre o mesmo (mundo do leitor) e o outro (mundo do texto), uma dialéctica onde o leitor comprehende o texto desde si mesmo e a si mesmo desde o texto. O encontro com o texto é o encontro do leitor consigo mesmo; ou seja, o encontro do mesmo e do outro, do si mesmo como um outro e do outro como si mesmo. Enfim, um encontro onde a identidade se introduz na sua alteridade constitutiva. (CARLOS 2009 pág. 18)

O material literário que agregue em si conhecimentos em música pode estimular um espaço privilegiado nas aulas de música que pretende olhar para a alteridade dos sujeitos, sendo uma opção de recurso que pode ser usada pelo professor em sala de aula.

4 ELEMENTOS SECUNDÁRIOS:

A escolha dos membros da família e suas interações com a personagem principal foram revisadas algumas vezes. Percebi, durante a criação que a relação do gato com a garota se enfraquecia a cada novo personagem que surgia. Clara pede para sua mãe para escrever a partitura da música e com essa cena consegui inserir a idéia de arranjo musical na história. A criação do personagem cachorro e seus fones de ouvido, foi com intuito de possibilitar aulas que falassem do silêncio na música e sobre o volume excessivo dos fones de ouvidos usados pelas crianças na escola, aproximando o livro das formas como os alunos escutam suas músicas.

Sobre a banda, inicialmente era uma banda de rock chamada Gutural Drive. O nome faria alusão a duas técnicas vocais utilizadas no Rock. As escolhas soavam didáticas e, por este motivo, foram excluídas da narrativa. Após algumas consultorias a alguns alunos de terceiro e quarto anos², aceitei sugestões recorrentes sobre Clara entrar para a banda.

A partir do cachorro, projetei a idéia de gravar uma versão quase fiel à escrita, de toda a história com intuito de tornar o livro acessível para deficientes visuais, ou mesmo crianças que ainda não estão letradas. Imaginei que a versão do livro em áudio poderia contribuir com planejamentos e aulas que envolvessem sonorização de histórias. Zanella (2015) levantou em sua pesquisa uma série de propostas de práticas vocais nos livros didáticos de música. Alguns autores trazidos no seu trabalho ratificam a importância do uso da voz e ampliação das ideias musicais por meio da atividade de sonorização de histórias. A autora cita o uso de onomatopeias e imitações, mudanças de entonação, e afirma que “além de trabalhar aspectos puramente musicais, a sociabilidade, a criatividade (...) são também temas que podem ser abordados durante a sonorização de histórias.”

A gravação das vozes se fez a partir de dois critérios: (1) leitura com uma expressividade natural, com inflexões pouco dirigidas; (2) escolha de determinados timbres para cada personagem. O timbre da narradora, para mim, precisava ser agradável porém não deveria roubar a atenção dos personagens. Para a garota, escolhi um timbre infantil que não fosse “enbonecado” ou caricato. A aluna que gravou a canção foi a mesma que gravou as falas da personagem Clara. A escolha do timbre do Gato foi a mais difícil. O espirito livre desse personagem e seu aspecto perspicaz, deveriam aparecer no timbre. Cheguei à conclusão que o desejável seria uma voz de homem, sem entonações dramáticas, um timbre médio-agudo e sem muita imposição. Os outros personagens secundários não tiveram critérios tão rígidos.

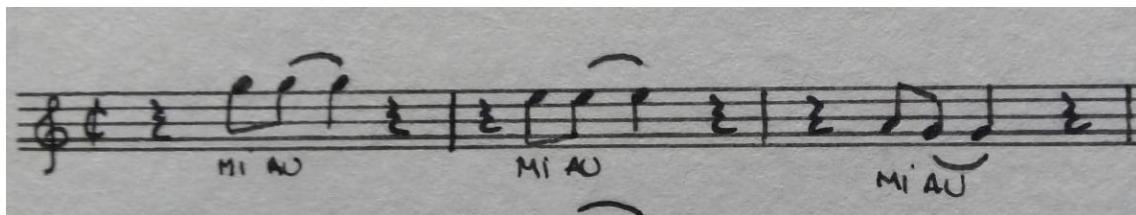
5 CLARA COMPÕE PARA SEU GATO: estruturas melódicas

Em sala de aula, observo que meus alunos em geral possuem uma tessitura de voz cantada muito restrita. Cantam poucos intervalos e as vozes são por vezes monotônicas. A partir de uma observação informal, percebo que o espectro de emissão recorrente pelos alunos, são intervalos simples e repetitivos, curiosamente os que observo serem utilizados nas canções do estilo funk carioca muito apreciada por alguns alunos. Esse empobrecimento de extensão vocal sempre me preocupou, tendo em vista minha formação em canto e por ver no ato de cantar, uma das formas mais belas e eficazes de musicalização. Por outro lado, a preocupação com a afinação e extensão vocal ia ao encontro da ideia de didatização do material literário (algo não desejado para o projeto) e de formas de canto pré-concebidas como corretas. Em função disso, compus algo específico para o livro onde, na letra da canção, exponho a ideia de afinar a voz partindo de critérios subjetivos e não técnicos, buscando poética ao invés do padrão, como mostra o trecho: “*Soltando a voz nessa canção/ Afinando a voz com o coração/ Eu vou desafiar a ideia de cantar*”.

Mesmo partindo para uma questão mais poética e subjetiva, a preocupação com o canto, consciência e controle do movimento de fonação, necessário para emissão de diferentes notas da escala ainda era presente. Criei. Então, uma melodia na

primeira frase musical da canção tema “Miau”, estimulando o canto em intervalos de terças e oitavas.

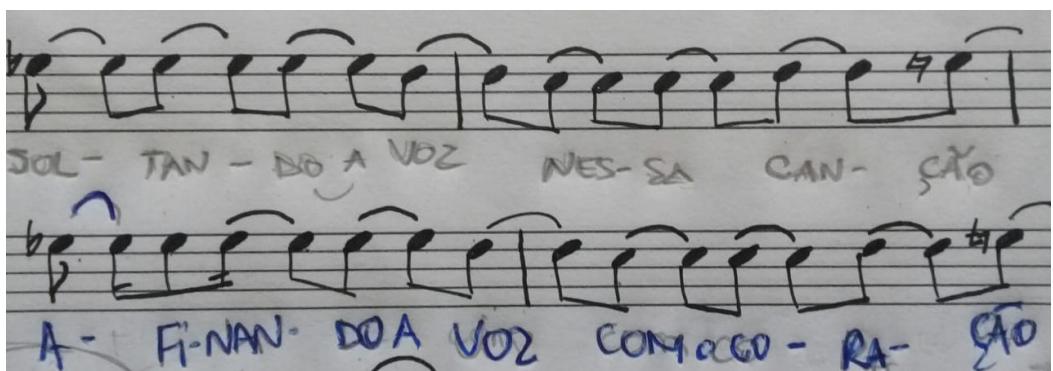
Figura 1 – Partitura 1



Fonte: Elaborada pela autora

Na segunda frase, o tema principal aparece com uma sequência de três intervalos descendentes consecutivos: terça maior, uma quarta justa e uma segunda maior. Na sequência, um arpejo melódico de fa maior ascendente seguido da melodia dentro do mesmo arpejo, de forma descendente. Em outras frases, a melodia explora notas alteradas como mostram as frases: “Soltando a voz nessa canção/ Afinando a voz com o coração/ A guitarra acorda o violão/ A bateria bate no meu coração”, foi utilizado o Mib que em seguida se resolve na frase por meio do bequadro, causando efeito de tensão e resolução a partir de intervalos de segunda menor.

Figura 2 – Partitura 2

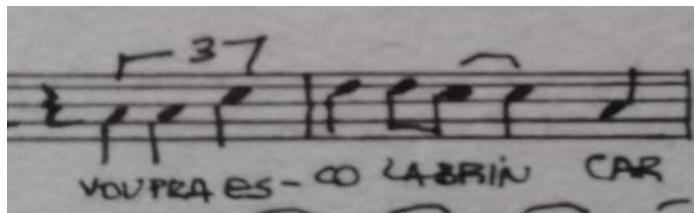


Fonte: Elaborada pela autora

Embora não tenha sido composta com finalidade didática, acredito que naturalmente inseri elementos que ora facilitassem o canto e memorização da canção. Desejei tornar a melodia orgânica porém com certo grau de dificuldade de execução, com intuito de estimular a criança a perceber sua voz sem deixar de lado

a fluidez do seu cantar. No recorte a seguir, por exemplo, criei uma alteração no intervalo final da frase da parte A para parte B quando a canção se repete em “Me acorda cedo/ Vou para escola brincar”. O intervalo final é uma segunda maior descendente:

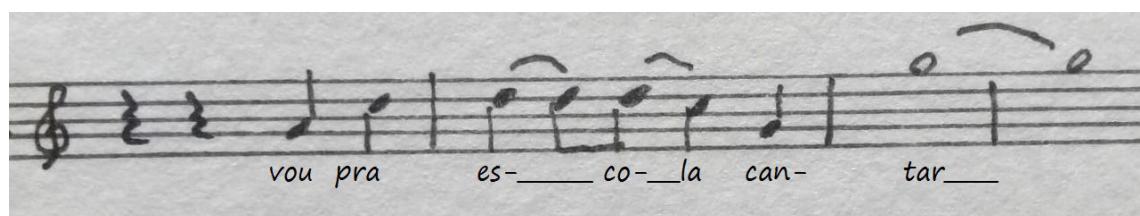
Figura 3 – Partitura 3



Fonte: Elaborada pela autora

Na segunda parte da letra (“Me acordo cedo/ Vou pra escola cantar”), o intervalo final é um salto ascendente de oitava:

Figura 4 – Partitura 4



Fonte: Elaborada pela autora

A letra da canção priorizou a poética. Na primeira parte da canção a personagem se dirige ao seu gato, que “a leva a sério” e “a ensina cantar”. Nesse trecho, a escola é lugar de brincar: “Me acorda cedo/ vamos para escola brincar”. Já na segunda parte, com a mesma melodia, a canção inverte os sentidos e elege o canto como forma de brincar e escola como lugar para cantar. “Me leva a sério/ Me ensina a cantar”.

Há também um trocadilho na letra mais ao final. Propositalmente, a troca entre o ato de rimar e miar aparece, denotando a superação do medo quando faz com que a garota e o gato troquem de função. Fica explícito quando a música

descreve: “Eu vou desafiar a ideia de cantar/ enquanto você mia eu vou rimar” em contraposição com “[...] desafiar a ideia de cantar/ enquanto você rima eu vou miar”.

6 DESFECHO DA HISTÓRIA : leitura compartilhada

O desfecho da história³ foi a parte mais difícil de ser construída. Para esse término de processo, utilizei as consultorias que foram essenciais bem como os diálogos com ilustradora. Consultei meus alunos para recolher algumas de suas opiniões por meio de leitura compartilhada em aulas curriculares de música com crianças de terceiro e ano (faixa etária foco do livro). Segundo Carlos (2009) “ a leitura é uma experiência inacabada porque ela é da ordem do impossível. Entre o “mundo da obra” e o “mundo do texto” existe uma eternidade sem fim.” O autor citado possui um trabalho que parte da leitura como experiência aberta, e foca seus estudos na palavra buscando seu sentido ontológico. Ele aponta para a leitura como um acontecimento da existência e comenta que:

A leitura é, de facto, uma experiência íntima de alteridade, uma dialéctica entre o mesmo (mundo do leitor) e o outro (mundo do texto), uma dialéctica onde o leitor comprehende o texto desde si mesmo e a si mesmo desde o texto. O encontro com o texto é o encontro do leitor consigo mesmo; ou seja, o encontro do mesmo e do outro, do si mesmo como um outro e do outro como si mesmo. Enfim, um encontro onde a ipseidade se introduz na sua alteridade constitutiva.(CARLOS 2009 PAG 18)

Quando consultei os alunos sobre a obra que eu estava escrevendo, o que me chamou atenção foi que o olhar que tinham sobre alguns elementos, era único e em nada se assemelhava à opinião de alguns adultos que leram a história no decorrer do caminho. Cada criança trazia sua forma de ler e entender a história. Enquanto alguns se atinham a questões de verossimilhança e linearidade temporal, outros sugeriam detalhes como dar nomes a todos os personagens. Apesar das diferentes leituras, alguns apontamentos que se repetiam ou que me pareciam apropriados, foram por mim incorporados ao texto. Sobre essa relação do texto com os contextos onde nascem ou para onde se destinam, Carlos (2009) denota que

³ O projeto de ilustração desenvolveu uma metodologia própria. A ilustradora, antes de iniciar o seu projeto, me procurou para me sugerir algumas alterações finais na história. Essas alterações definiram alguns dos elementos da obra. A ilustradora me sugeriu que o início da minha história tivesse uma espécie de enigma para prender a criança até o desfecho e foi dela a sugestão do sonho de Clara.

tanto o suporte como o espaço onde se dá a leitura, também a influenciam, descreve que;

Os significados histórico-sociais dos textos não são separados das modalidades materiais que os dão a ler aos seus leitores. Todo o texto é o perante o seu suporte, perante a sua modalidade de inscrição, os quais condicionam o acto de ler. No acto de ler, além de se considerar essa relação entre o texto e o leitor, dever-se-á considerar, também, o espaço de inscrição do texto: o seu suporte. (CARLOS,2009 pag 35)

As várias formas de interação dos alunos com o texto foram explorados. Num determinado momento, por exemplo, pedi que eles desenhassem a cena que mais haviam gostado. Veja uma ilustração abaixo de alguns desenhos:

Figura 5 – Desenhos dos alunos



Fonte: Elaborado pelos Alunos

Essa parte foi uma das mais ricas do processo, pois o olhar das crianças era muito único e em nada se assemelhava à opinião de alguns adultos que leram a história no decorrer do caminho.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, escrever um livro infantil que falasse do cantar, sem levantar questões técnicas, me pareceu muito difícil. Por conta da minha história de formação em canto lírico, abordar o cantar de forma aberta e lúdica, representou um desafio. A pesquisa, realizada juntamente com a criação do livro, me convidou a revisar meus conceitos sobre infância, processos de leitura e sobre os elementos presentes na cultura infantil.

Acredito que, explorar os limites entre o didático e o literário resultou em uma história capaz de motivar a criança e ao mesmo tempo ser útil para o educador. Muitas das propostas iniciais foram modificadas. A primeira intenção era narrar o livro a partir do personagem do gato que, observando aulas de canto, testaria exercícios vocais no desejo de cantar. Com o tempo o conceito de técnica vocal foi substituído pelo “cantar”. As metodologias para o ensino da voz foram dando lugar ao conflito interpessoal da personagem principal com seu gato e estabelecendo uma narrativa que acontece predominantemente dentro de um núcleo familiar ligado à música.

Em determinado ponto do curso, refiz algumas escolhas teóricas, elegendo a confecção do livro como alvo do trabalho. A proposta pedagógica passou a configurar um anexo que complementa e exemplifica o uso do livro nas aulas curriculares de música. O livro em construção, a canção composta, em todo tempo foram colocados em diálogo com minha prática docente, atualizando meu olhar sobre a criação e re significando minha práxis.

O livro foi submetido ao conselho editorial da editora UDESC com finalidade de publicação, tendo sido aprovado pelo conselho editorial e aguarda os originais coloridos e revisados, após aprovação e correções da banca avaliadora do mestrado.

Durante esse processo de dois anos e meio meu olhar se modificou. A compositora, a escritora e a educadora foram desafiadas a trabalhar coletivamente com uma equipe. Talvez essa tenha sido a grande contribuição dessa experiência na minha vida pessoal. Perceber que como em uma grande orquestra, eu precisava reger vários processos criativos, possibilitando que cada colaborador executasse de forma fluída, mas também técnica, sua habilidade. Necessitei ser paciente e

compreensiva com os processos alheios de criação. A ilustração, a diagramação e produção de áudios, não foram confeccionados por mim, mas dependiam da minha capacidade de regência para ficarem prontos no prazo e de forma congruente com a proposta. Acredito que, somente após o livro ser publicado, será possível verificar sua repercussão nos processos de ensino e aprendizagem nas aulas curriculares para alunos de terceiro e quarto anos. Essa pesquisa ampliou as minhas possibilidades de leitura e investigação do ensino e aprendizagem musical. Começo a esboçar algumas idéias para um possível projeto de doutorado em educação, que possa levar o livro “Miau: Clara canta para as Estrelas” a campo, de forma a investigar seu potencial e desdobramentos nas aulas de música.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos relacionamentos que tive durante esse intenso processo de criação e pesquisa. Acredito que tanto a pesquisa como a arte, são formas de ação humana que podem mudar olhares. Agradeço especialmente a equipe técnica envolvida no projeto do livro, descrita na contracapa do livro. Estendo meus agradecimentos também e à orientadora Teresa Mateiro, aos colegas de curso: Marco Aurélio, Paulo Ricardo, Neusa, Andressa e Karina. Aos músicos e produtores Piero e Clóvis, à Thaís Filó que diagramou o livro com toda atenção, à Meliza que aceitou o convite de ilustrar seu primeiro livro e caminhou junto com sua forma amável e dedicada, à Fabiane D. Giustina Soares que me ampara quando entro em crises existencias no meio de algum projeto, à meus filhos que são meus parceiros de vida, à Fernanda Diniz e Cláudio Garcia, à equipe da editora da Udesc pela atenção, às vozes de Maria Eduarda, Fabrício, Giovania, Koru, João, Ana, Isadora e Yasmim, que gravaram os áudios do livro; aos amigos e familiares que leram os rascunhos e me ajudaram a aperfeiçoar a obra, e a Stevan Sehn que além de amigo, me ajudou com o projeto inicial do projeto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem Alves. **O medo da Sementinha**. Editora Paullus: São Paulo, 1999

BETTELHEIN, Bruno. Trad. Arlene Caetano. **A psicanálise dos contos de fada**. Editora Paz e Terra, São Paulo, 2008.

AMORIM, Anaely. **DIAS**, Maria das G. **A CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA VISÃO PHILIPPE ARIÈS E SUA RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A INFÂNCIA**. Resenha. Revista eletrônica de Ciências Sociais, História e relações internacionais. Vol 1 n1, 2008.

AMUI, Gustavo A. GUIMARÃES, Fernana A. **Música na educação básica: referenciais teóricos de periódicos nacionais publicados entre 2000 e 2010**.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Editora Wmf Martinfontes: São Paulo, 2015.

BARDOTTI, Sérgio. Adaptação BUARQUE, Chico. **Os saltimbancos**. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2017.

BOJUNGA, Lygia. **Corda Bamba**. EditoraCasa Lygia Bojunga: Rio de janeiro, 2014

BUSATO, Susanna. MOTTA, Sérgio Vicente. **Fragmentos do Contemporâneo: Leituras**. Editora UNESP: São Paulo

CARLOS, Elter Manuel. **Palavramundo: A leitura como Experiência de Formação**. Dissertação de Mestrado Filosofia da Educação. Universidade do Porto. Porto, 2009. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream>

Per Musi. Belo Horizonte: UFMG, n.34, p.89-112. Disponível em

www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1517-7599&lng=en&nrm=iso

CAUVILLA, Waldir. **Sobre um momento da constituição da idéia de infância: Ponto de vista de um historiador.** Portal de Revistas da USP. Dossiê- Estilos da Clínica vol 4 n6. São Paulo, 1999 Disponível em www.pepsic.bvsalud.org>pdf>estic Ultimo acesso em 06/07/2018

CIT, Simone. **História da Música Popular Brasileira.** Gráfica Reproset Ltda. Curitiba: 2003.

CIT, Simone. **Pedro e o Choro.** Edição da autora. Fomento: Petrobrás. Curitiba,2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise e didática.** Editora Moderna, São Paulo, 2000.

DEBUS, Eliane. Anais. 6 Seminário de Literatura infanto Juvenil. UFSC, Florianópolis, 2014. Disponível em linguagem.unisul.br>silij>7-SLIJ-2016 Ultimo acesso 15/06/201.

ELLIOT, Taylor S. Tradução Ivo barroso. **Os gatos.** Editora Companhia da Letrinhas: São Paulo, 2010.

FERREIRA, Amauri. GROSS, Yone de S. **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios.** Revista de História Oral.57, 2004, p. 41-59.

FREIRE, Vanda Bellard (org). **Horizontes da pesquisa em música.** Editora 7 Letras: Rio de janeiro, 2010.

FONTERRADA, Marisa T. de Oliveira. **Linguagem verbal e linguagem musical**. In: Cadernos de Estudo: Educação Musical, n 4 e 5. São Paulo, 1994.

FULLMAN, Joe. **O Grande Livro de Música**. Ciranda Cultural. São Paulo, 2015.

GALLO, Luz E. **Expresiones de lo sensible: lecturas en clave pedagógica**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 40, n. 1, p. 197-214, jan./mar. 2014. Disponível em [www.scielo.br>pdf>aop1248](http://www.scielo.br/pdf/aop1248).

GELAMO, Rodrigo P. PAGNI, Angelo. **Experiência, Educação e contemporaneidade**. Editora Cultura Acadêmica. Marília, 2010. Disponível em <https://www.marilia.unesp.br/poiesis> ultimo acesso em 22/06/2018.

GULLESTAD, Marianne. **Infâncias omaginadas: Construções do Eu e a Sociedade nas histórias de vida**. Educ. e soc, Campinas, Vol. 26, n. 91, p.509-534, Maio/Agosto. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> acesso em 22/06/2018.

HERNANDÉZ, Fernando. **Transgressão e Mudança na educação**. Artmed, Porto Alegre,1998. Disponível em: [srpd.grupoa.com.br>Liberado>iniciais](http://srpd.grupoa.com.br) ultimo acesso em 20/06/2018.

LAGO, Ângela. **A Banguelinha**. Editora Moderna. São Paulo, 2002.

LAGO, Ângela. **Festa no Céu: Um conto do nosso folclore**. Editora melhoramentos: São Paulo, 2005.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. Papirus: Campinas, 2010.

MUQUY, Danielle F. **Cachorro preto! Cachorro branco!**. Editora Catatau: São Paulo, 2016.

ORTHOF, Sylvia. **Gato pra cá, rato prá Lá.** Editora Rovelle: Rio de Janeiro, 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Editora Vozes: Petrópolis,2007.

PENNA, Maura. **Música e seu ensino.** Editora Sulina: Porto Alegre,2008.

PEREIRA, Marcus V. **Traços da história do currículo a partir da análise de livros didáticos para a educação musical escolar.** Revista da ABEM, Londrina v.24 n.37 | 17-34 | jul.dez. 2016.

PETIT, Michéle. Trad. Artur Bueno e Camila Boldrini. **A arte de ler ou como resistir a adversidade.** Editora 34: São Paulo, 2010.

PINTO, Tarcísio. CUNHA, Vinícius (org). **Revista Ed.Foco**, Juiz de Fora V.20 n.2 p. 01-345 Julho 2015 / Outubro 2015. Disponível em www.ufjf.br/files/2015/10/revistaedfoco.br. Acesso em 5 jul. 2017.

Portal CAPES, **Programa de Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes).** Google Analytics, 2010. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-a-distancia/profartes>> Acesso em 3 jul. 2017.

PROJETO DE EXTENÇÃO UNIVERSITÁRIA, **Mais Gente e Livros: Caixinha Viajantes no Mundo fantástico da Literatura.** SETI tiragem 300 exemplares: Curitiba, 2010.

PROPP, Vladimir I. **Morfologia do Conto Maravilhoso** Editora: Forense Universitari. Edição 1. São Paulo, 2006.

Revista Musica na educação. ABEM. Vol 2, n 2 Anual. Porto Alegre, 2010
<https://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Resenha-Crítica-a-Concepção-De/771654.html> Último Acesso em 20/06/2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e culturas da Infância**. Projecto POCTI/CED/49186/2002 . Disponível em: titosenfaed.udesc.br/CulturanaInfancia

SARMENTO, Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2 modernidade**. Universidade do Minho, Portugal. Disponível em: <https://iesb.blackboard.com/files/texto1>.

SCHWANTES, Cíntia. **Formação das narrativas de Formação Contemporânea: Uma questão de Gênero**. Editora UNB, Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea; n 30, 2007. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2037> ultimo acesso em 16/06/2018.

SILVEIRA, Ana. ROHLING, Nívea. RODRIGUES. **A análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos de letramento**. Editora Dioesc: Florianópolis, 2012.

SILVEIRA, Denise. GERHARDT, Tatiana (org). **Métodos de pesquisa** .Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em WWW.ufrgs.br/cursopgdr/dera005.

SOUZA, Camila Anabela. **Concepção de Infância em Philippe Ariès**. Trabalho de Conclusão de Curso. UEL, Londrina,2010. Disponível em www.uel.br/ceca/pages/arquivos.

SOUZA, Jusamara. **Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 53, p. 91-111, jul./set. 2014. Editora UFPR. Disponível em www.ufpr.br/musijuseduc/pred003

ZABALLA, Antoni (org) **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. Editora Artmed:.Porto alegre,1996.

ZANELLA, Andreia T. **Propostas de práticas vocais nos livros didáticos de música**. Monografia UDESC: Florianópolis 2015.